

Profe-húmus: compostagens para pensar-com biologias, criações, arte e vida

Profe-húmus: compostings to think-with biology, creations, art and life

Profe-húmus: compostajes para pensar-con biologías, creaciones, arte y vida

Marcos Allan da Silva Linhares¹

Keyme Gomes Lourenço²

Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho³

Resumo: Esse ensaio propõe um mergulho em composteiras e docências com uma perspectiva multiespécie. A compostagem aqui é entendida como potência para transformação de espaços educativos que surgem entre as relações com todos os seres. A partir das ideias de Ailton Krenak, Donna Haraway, Anna Tsing e outros a compostagem é experimentada em construções coletivas de saberes, que questionam as categorias tradicionais que põem o humano como protagonista. Propomos “composteiras docentes”, buscando criar ambientes de aprendizagem onde as relações entre os seres sejam exploradas para potencializar educações que valorizem a multiplicidade de formas de vida e a colaboração multiespécie, pensando em como o processo de compostagem pode fertilizar novas práticas pedagógicas e formas de viver e ensinar.

Palavras-chave: Compostagem; Experimentação; Multiespécie.

Abstract: This essay proposes a dive into composting and teaching from a multi-species perspective. Composting here is understood as a potential for the transformation of educational spaces that arise from relationships with all beings. Drawing on the ideas of Ailton Krenak, Donna Haraway, Anna Tsing, and others, composting is experienced in collective knowledge-building practices that question traditional categories which place humans as the protagonists. We propose 'teaching composters,' seeking to create learning environments where relationships between beings are explored to enhance educations that value the multiplicity of life forms and multi-species collaboration, thinking about how the composting process can fertilize new pedagogical practices and ways of living and teaching.

Keywords: Composting; Experimentation; Multispecies.

Resumen: Este ensayo propone una inmersión en compostadoras y docencias desde una perspectiva multiespécie. La compostaje aquí se entiende como una potencia para la transformación de espacios educativos que surgen de las relaciones con todos los seres. A partir de las ideas de Ailton Krenak, Donna Haraway, Anna Tsing y otros, la compostaje se experimenta en construcciones colectivas de saberes que cuestionan las categorías tradicionales que colocan al humano como protagonista. Proponemos 'compostadoras docentes', buscando crear ambientes de aprendizaje donde se exploren las relaciones entre los seres para potencializar educaciones que valoren la multiplicidad de formas de vida y la colaboración multiespecie, pensando en cómo el proceso de compostaje puede fertilizar nuevas prácticas pedagógicas y formas de vivir y enseñar.

Palabras claves: Compostaje; Experimentación; Multiespecie.

¹ Universidade Federal de Uberlândia - UFU

² Universidade Federal de Uberlândia - UFU

³ Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Compostagem

A vida atravessa tudo, atravessa uma pedra, a camada de ozônio, geleiras. A vida vai dos oceanos para a terra firme, atravessa de norte a sul, como uma brisa, em todas as direções. A vida é esse atravessamento do organismo vivo do planeta numa dimensão imaterial.

Ailton Krenak, 2020, p. 15

A vida está em tudo, já dizia Ailton Krenak (2020), ela nos movimenta, nos atravessa e por ela somos carregados para outros lugares para vivermos outras coisas, sem roteiros, sem pretensões, sem hierarquias, só a vida por ela mesma pedindo para que a vivemos. Numa compostagem a vida também pede passagem, abre espaço para experimentarmos um viver-com, em coletivo. A compostagem decompõe a matéria, os tempos, e, com o auxílio de outros seres vivos, como os fungos e as bactérias, alcança outras formas de vida.

Na compostagem decompomos, fermentamos, misturamos para formarmos o adubo, o *húmus* fertilizante para o crescimento e florescimento de vidas-outras na superfície. Uma compostagem só pode ser gestada se fermentada e alimentada de bons sentimentos para poder transformar, realocar a matéria para que ela faça composição com novas estruturas, com outras formas de fazer aparecer a vida na terra.

Ao falarmos de compostagem estamos falando de vida atravessando tudo, de norte a sul, em todas as direções e em suas mais diversas formas. Ao fertilizarmos uma composteira passamos a dar valor ao composto que nos incentiva a não levarmos tão a sério as categorias e quem sabe fazermos com que elas se adaptem as complexidades desse mundo (Franklin, 2017). Complexidades que envolvem o fazer da compostagem como o tempo, a paciência, as experimentações, as vivências, as companhias e as alianças que fazemos ao longo do processo de composição numa composteira ou no cotidiano da vida.

A compostagem trata de interações, de imprevisibilidades, de simbiose com o mundo e com as espécies que com-partilham desse composto conosco. É um processo lento, sinestésico, que pode dar muito certo ao mesmo tempo que pode dar muito errado. É olhar para a sua própria composição como devir⁴, algo que não está pronto e que dependendo do tempo, do clima, das energias ao redor de suas pilhas de compostagem pode mudar toda a forma sobre como se aparece no mundo.

⁴ Para Deleuze o devir é imperceptível, é aquilo que está contido em uma vida, jamais como forma de imitação ou representação, mas como processo de desejo, de dupla captura, de evolução assimétrica, não paralela. O devir é geográfico, são direções, entradas e saídas, sempre em via de fazer-se. Ver: DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. E. A. Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

Desejamos compostar. Como quem pega o alimento e coloca na composteira à espera de algo por vir, na esperança de que seja transformado ou modificado. Desejamos um texto-composto que se faz misturando formação, Biologia, docência, tempos, experimentações que se fazem no decorrer das vivências em sala de aula e que entrelaçam vidas, educações, criações, fabulações e tantas outras composições que interseccionam e compõem nosso fazer docente.

Desejamos compostar. Sujar as mãos de terra, pisar com os pés descalços nesta terra que há tanto tempo nos faz companhia, mas que por vezes não aparece na formação de professores. Fazer a terra entranhar em nossos pensamentos, compor com ela, escrever-com. Uma escrita-terra que não é a respeito da terra, que não busca representá-la, mas ao invés disso se propõe a escrever junto, sobre os modos como ela, enquanto superfície, penetrou na trama do mundo e se tornou essa zona de habitação coletiva (Ingold, 2019a).

Compostar como minhoca que circula, faz rizoma⁵, abre caminhos, cria atalhos, constrói canais e inventa outros modos de se relacionar com quem o acompanha. Fazer fermentar vivências, experimentações, histórias, traços de vida. Fazer ver como essas compostagens docentes estão entremeadas nas formas de decomposição dos sujeitos: professores, professores em formação... e como com ela podemos criar outros modos de estar e de viver na escola.

Compostar na docência é estar em contato com um terreno fértil para experimentações. É o lugar onde nascem as mais belas e lindas flores a partir das relações com os outros companheiros de vida, humanos e mais que humanos, todos num lugar só, sem hierarquias e nem funções. É uma terra produtiva, que produz gente, que produz lugares, que produz vidas com um desejo quem sabe “de devolver nossa imaginação letrada à nossa experiência de habitar a Terra” (Ingold, 2019a, p. 66).

Criar em compostagem é deixar um pouco de lado a centralidade do *homos*, do humano-professor, para perceber outras composições que também nos fazem companhia na escola como as plantas, as marcas, o sol, os caminhos, o céu, as crianças, as miudezas que juntas formam um *húmus* que é solo/composto, espaço para um trabalho multiespecífico que não se contenta em ficar nessas linhas, mas que extravasa para as relações em sala de aula, nos espaços escolares, nas linhas tecidas no contato com as educações cotidianas.

O trabalho multiespécie tem relação com multiplicidade. Multiplicidade tem relação com a vida em coexistência nesse mundo. Pensar numa compostagem docente é também se

⁵ “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e...e...e...”. Há nessa conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser”. Ver: DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia vol. 1. Trad. A. L. Oliveira, A. Guerra Neto e C. P. Costa. São Paulo: Editora 34, 2011 (p. 49).

abraçar a uma perspectiva que olhe para essa diversidade de seres (as plantas, os vírus, os cogumelos, os insetos, entre outros) e para as influências que eles exercem nas nossas vidas e nas vidas uns dos outros (Pereira, 2018).

Assim a perspectiva multiespécie nos ajuda na construção dessa composteira pois é pensando nessa rede de seres, humanos e mais que humanos, vivendo em coletividade e estando juntos em aliança neste mundo é que podemos encontrar outras e novas formas de narrar uma vida compartilhada, não somente na natureza e em sociedade, mas em diversos outros ambientes, como as instituições escolares.

O olhar multiespécie nos ajuda a perceber que as ciências (bio)lógicas não são suficientes para dar conta e para conhecer as vidas de outros seres que estão em aliança conosco, colocando em destaque a necessidade de rompermos com o par ciência-objeto que por vezes coloca os seres mais que humanos em um lugar meramente de objeto de estudo, sem linguagem, racionalidade e subjetividade (Pereira, 2018).

Ao invés disso podemos notar e nos relacionar de outras formas com os seres que compõem esse mundo com a gente borrando as barreiras que por muito tempo foram impostas a fim de nos separar. A vida, por essa ótica, é variável, maleável, heterogênea, em constante movimentação, em emaranhados que estão para além das taxonomias e classificações.

Não há uma exclusão das ciências e do conhecimento científico, muito menos uma distinção que separa os humanos dos seres mais que humanos, porém pensa-se em uma compreensão de mundo que se inspire nas ciências naturais, mas que vá além, “trazendo diferentes corpos de conhecimento para conversar e empurrando-os em novas direções” (Dooren; Kirksey; Münster, 2016, [n. p.]).

Trata-se de prestar atenção nas diversas formas de vida que se entrelaçam conosco nesse tempo de vida na Terra, como uma arte de notar, de prestar atenção, de fazer mundos. Os projetos de fazer mundo não se restringem aos humanos, mas a todas as atividades práticas do fazer da vida que na maioria das vezes não tem a ver com o “futuro” ou com o “progresso” do mundo, mas com o olhar para o nosso redor ao invés de olhar para a frente (Tsing, 2022).

Assim as composteiras fazem *húmus* ao recusar os papéis definidos, as hierarquias escolares e sociais para tecermos relações uns com os outros, como na compostagem que não se faz somente com terra e sol, mas com a interdependência entre humanos e não humanos e extra humanos, assim estaríamos incluindo tudo como vida - os elementos bióticos e abióticos como a água, as pedras, o vento, os seres visíveis e os microscópicos, a vida e a morte. Uma compostagem que desmancha definições: ora realocando os humanos de uma posição de

sujeitos soberanos e superiores; ora tirando os mais que humanos de uma posição meramente de objetos, colocando-os como sujeito de história e de vida, que nos ensinam como ver uma escola-composto que se torna espaço de conhecimento “quando professores não sabem que são professores, alunos não sabem que são alunos, esses papéis variam a cada momento e há uma sombra sob a qual todos podem se sentar para compartilhar a existência” (Fonseca; Castro; Firmeza, 2022, p. 18).

Largar o *homos* e ir para o *húmus*, para o solo, para o trabalho multiespecífico, também se faz num trabalho de colocar a vida em movimento, de transformar a formação de professores em terreno fértil para a germinação de outras formas de existir, de se relacionar e de ocupar esse espaço que por tanto tempo é/foi falado e debatido em nossas rodas de conversas, mas por vezes centrado no humano, nas humanidades, na relação professor-aluno, sem se lembrar das múltiplas formas de vida e de viver que cercam o fazer docente, o *húmus*, as *humusidades*. Quem sabe ao pensar em um professor-composto/*profe-humus* passemos a enxergar a docência como um antídoto frente às formas de extinção da vida, um adubo para fertilizar nossos pensamentos, práticas e conhecimentos e assim plantarmos sementes-outras para além das monoculturas que tanto anseiam por crescer no terreno escolar (Fonseca; Castro, Firmeza, 2022).

Logo é objetivo deste ensaio experimentar novas formas de vivenciar docências através de uma compostagem/composteira docente (Franklin, 2017), criando um local de trabalho em via de se fazer, em interações imprevisíveis, sem objetivos a priori, mas com desejos de narrar outras histórias, de compostar na formação de professores novas formas de criar alianças neste mundo através das experimentações, fabulações e vivências em coletivo.

Profe-húmus

Aprendemos nas disciplinas de ecologia que húmus é o produto resultante da matéria orgânica decomposta, formando uma compostagem natural, o adubo “completo” rico em nutrientes e vitaminas⁶. Nos aproximamos de um outro conceito de *húmus*, pensado pela filósofa e zoóloga Donna Haraway em entrevista para Sarah Franklin (2017) para pensar num *húmus* que tem relação com o solo, que é composto para aqueles que cuidam com a terra, que se aproximam dela e que criam relação uns com os outros, como numa compostagem.

⁶ Disponível em: <https://abrir.link/yBqcN>.

Nos apegamos ao conceito de *húmus* para nos afastar das humanidades, desenlaçar a formação de professores de Biologia de um ideal humanizado-dominador para compor a docência com outras formas de vida que nos aproximam da terra, do chão, do solo em companhia com outras espécies companheiras que fazem parte desta experiência coletiva de vida no mundo.

Por isso o *profe-húmus* não pensa em hierarquias e dominações, em classificações, mas em formas de estar em contato com a vida, em suas múltiplas formas, um estar juntos. O *profe-húmus* se afasta daquele professorar que esquece de se aproximar das miudezas do chão, mas está disposto a contar histórias com elas, criar relações de florescimento em meio à destruição, as formas de cerceamento e dominação da educação. *Profe-húmus* é a esperança de novos futuros possíveis-reais em aliança com os parentes (humanos e mais que humanos) na educação, nas escolas e nos diversos espaços educativos, é multivida, multiplicidade.

O que decomponemos em nós que pode ser adubo para novas experimentações na docência? Ousamos lançar essa pergunta na disciplina Biologia e Cultura, no curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia para experimentarmos outras formas de pensarmos a docência em aliança com a terra, com os seres mais que humanos, com os vegetais e com as múltiplas espécies companheiras.

Partimos da ideia de construir composteiras docentes ao longo da disciplina em dois momentos: de coleta e de experimentação. Os momentos de coleta eram aqueles destinados a coleta de materiais para compor a composteira (podiam acontecer dentro ou fora dos momentos da disciplina), elementos que não eram escolhidos a priori, mas aqueles que fossem surgindo ao longo do processo de construção da compostagem, logo poderia ser fotografias importantes, uma flor que cai no meio do caminho para a universidade, um trecho de uma música marcante, um cartão de visita, um *flyer* de visita a um museu, entre outros.

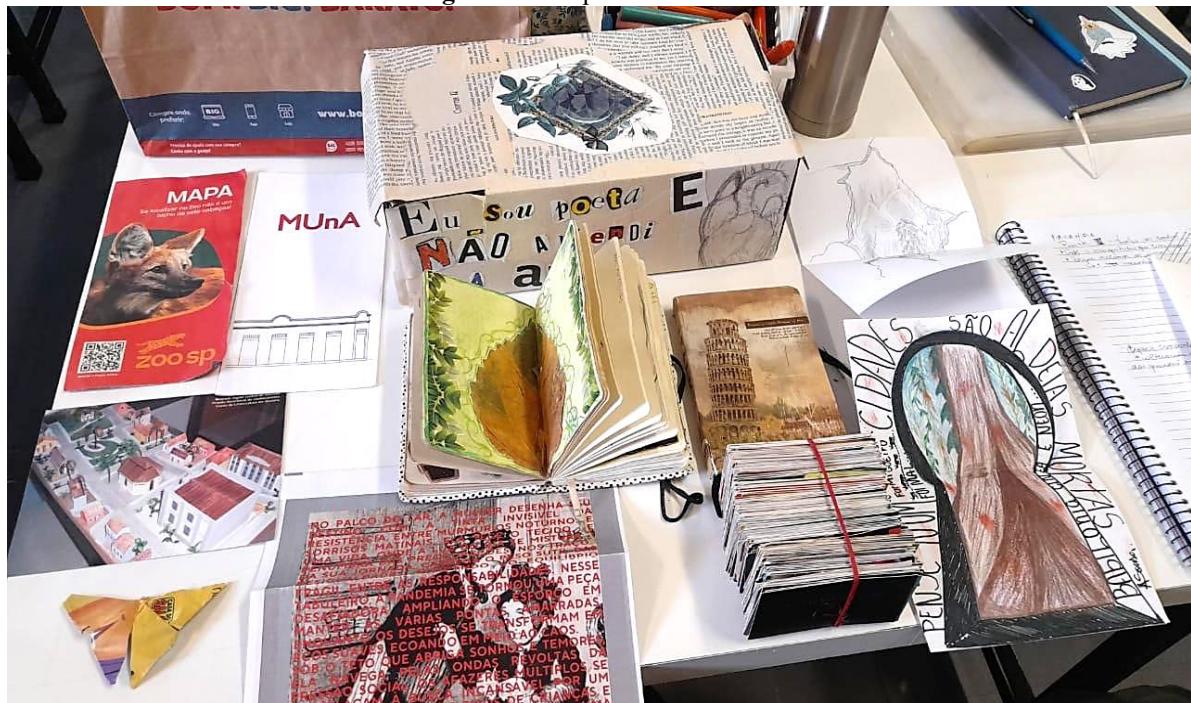
Os momentos de experimentação eram dedicados às aproximações com os referenciais teóricos (Amorim; Fonseca, 2023; Correa, Sampaio, Borja, 2023; Tsing, 2022; Coccia, 2020; Krenak, 2019; Ingold, 2019b) durante as aulas, as experimentações com filmes, vídeos, exposições artísticas e visitas a parques e museus da cidade, para assim tensionar a relação entre ciência, arte e cultura, propiciando um espaço de criação que aproxime a Biologia da vida menor, dos parentes companheiros, da terra e um fazer docente-outro.

Compostagens docentes

Como se faz uma coleta para uma compostagem docente? Onde se guardam os elementos de um processo formativo em Biologia para a (de)composição? O que aparecem? Quais materialidades emergem? Quais merecem ser guardadas/preservadas? O que (de)compõem os professores em formação no contato com a vida mais que humana?

Materiais e vidas a compostar, será que é possível virar *profe-húmus*?

Figura 1: Composteiras docentes.



Fonte: Registro dos autores.

Materiais diversos - livros, cordéis, trechos de textos, sementes e folhas secas, caixinhas, *post its*, canetas, linhas e agulhas para bordar, pedaços de tecidos, revistas, tesouras - espalhados pelas mesas do Laboratório de Ensino - LEN/UFU⁷ convidam os professores em formação a olhar, folhear, escolher um trecho e ler, fazer um desenho, uma colagem, bordar. Materiais que provocam o compostar, um despertar da atenção em coisas minúsculas, talvez antes não reparadas. Pequenos focos de luz pairam sobre os materiais convocando olhares sem pressa. A

⁷ O Laboratório de Ensino (LEN) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) foi casa para as atividades da disciplina de Biologia e Cultura, sendo nosso principal espaço de experimentação, estudo e troca de conhecimentos. Para conhecer mais sobre as atividades do laboratório, acesse: <https://www.instagram.com/len.ufu/>

ideia de construir uma composteira é apresentada. Nem todos entendem, mas recebem o convite. Uma mesa de trabalho⁸ é sempre um convite.

A visita a uma exposição de arte, *Mamirauá, no fluxo das canoas*⁹, encanta. Preparação para o *húmus*, desfazer pensamentos, se desmanchar em meio a natureza e arte, mistura. As leituras¹⁰ sobre um currículo multiespécie levam a propor mesas que são construídas no jardim que envolve o Bloco 2D. Para compor e decompor. A terra, as folhas e flores secas entram para o laboratório, sementes com frases escritas em papeis são plantadas em uma floreira¹¹. Florescer, nascer, se decompor. Perguntas começam a jorrar, água que rega o pensamento. Brotamento de ideias.

O que muda quando partimos da premissa que estamos sendo observados pelas árvores?

O que as árvores sabem?

Se aprendêssemos a ouvi-las, que histórias elas poderiam contar?

Minha relação com as árvores é pelo tai chi chuan, o momento do não pensar.

Os filmes são um convite a pensar os fins de mundo contando mais uma história para adiar o fim como nos diz Ailton Krenak (2019). Com a escrita¹² de Ana Paula Pereira com os filmes *Nausicaä do vale do vento*¹³ e *A indomável sonhadora*¹⁴ convocamos a escrita:

⁸ As mesas de trabalho são ao mesmo tempo uma intervenção artística e um método de trabalho em arte, desenvolvido por Susana Dias e pelo grupo multiTÃO no âmbito das ações da revista ClimaCom. As mesas de trabalho podem acontecer em diversos lugares como praças, parques, universidades, salas de aula, museus, centro de cultura, entre outros, sendo espaço de experimentação para um fazer-junto/viver-junto que seja capaz de interrogar as lógicas massificadas e colonialistas que nos colocaram no Antropoceno. Ver: DIAS, Susana. Mesas de trabalho a céu aberto. **ClimaCom**, Campinas, ano 9, 2022. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/mesas-de-trabalho/>.

⁹ “Mamirauá, no Fluxo das Canoas” é uma exposição coletiva de arte que foi realizada em 2023 no Museu Universitário de Arte (MUnA) de Uberlândia e na Galeria Gare, em São Paulo. A exposição foi curada por Hugo Fortes e contou com o grupo Amazon F.L.O.W., formado em 2022 pelos artistas Darlene Farris-LaBar, Nivalda Assunção, Síssi Fonseca e Hugo Fortes. O grupo realiza exposições e residências que abordam a relação entre arte e natureza. Os trabalhos apresentados na exposição nos contam sobre a preservação da Amazônia, a beleza da sua fauna, flora e território geográfico, bem como a vida das comunidades que ali habitam.

¹⁰ Amorim; Fonseca, 2023. Correa; Sampaio; Borja, 2023.

¹¹ Inspiração a partir da leitura do artigo: Quando as linhas das mãos tocam a semente da palavra escrito. Ver: GARLET, Franciele Regina; AMORIM, Antônio Carlos Rodrigues. Quando as linhas das mãos tocam a semente da palavra. **Revista da FUNDARTE**, n.60, 2024.

¹² PEREIRA, Ana Paula Valle. Fins de mundo cinematográficos e educação ambiental: entrelaçamentos cosmopolíticos. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, Niterói, 2022. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/26872>.

¹³ NAUSICAA do vale do vento. Direção: Hayao Miyazaki. 1984, (117 min.). O filme conta uma terra após uma catástrofe que destruiu a humanidade e grande parte dos ecossistemas terrestres e a jornada da princesa Nausicaa na relação com a nova terra e seus seres.

¹⁴ INDOMÁVEL sonhadora. Direção: Benh Zeitlin. 2012, (92 min.). O filme foi inspirado nas narrativas das pessoas que viveram o furacão Katrina em Nova Orleans, EUA em 2005.

provocações para guardar em uma bolsa... composteira, em uma caixa... composteira, um drive... composteira.

Busquem perceber as relações entre humanos e mais que humanos nos filmes. É uma relação de igualdade ou de superioridade do homem perante os demais seres?

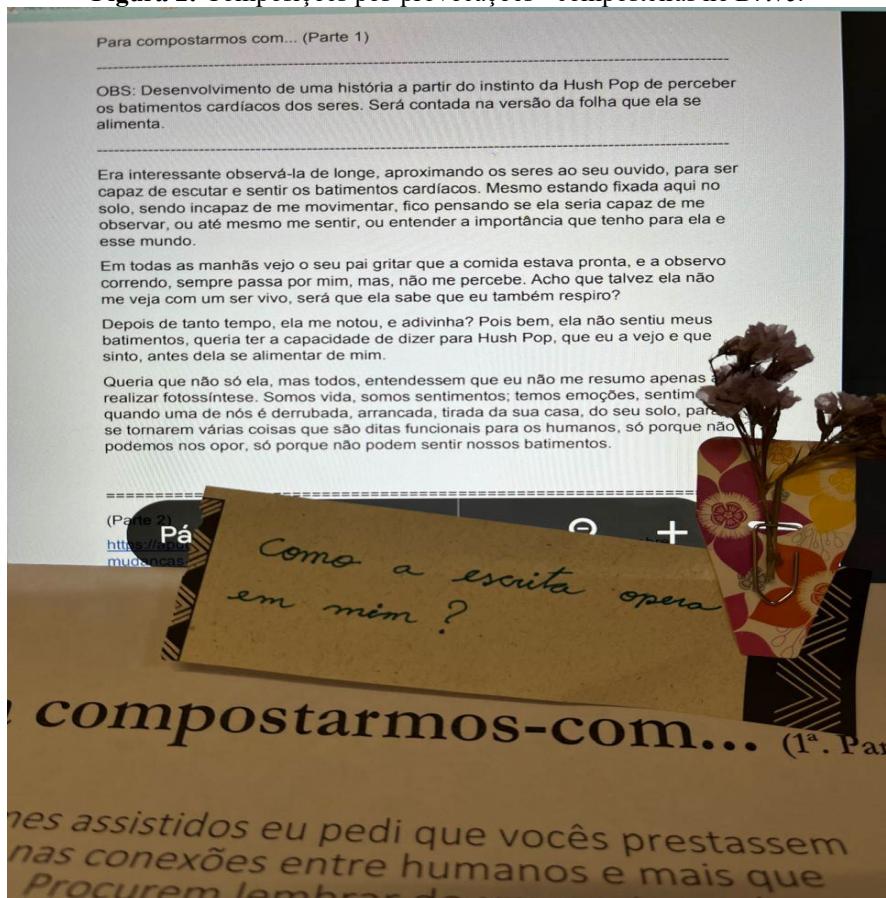
Como compor com outros pode ser uma prática de fins de mundo?

Observar os gestos dos seres mais que humanos no filme, mesmo que isso cause um estranhamento já que não estamos acostumados a considerar o pensamento dos não humanos e mais que humanos.

As cenas dos filmes mobilizam pensar além do excepcionalismo humano? Marque uma cena que trouxe isso para você no filme e traga para a próxima aula - para alimentar a composteira, traga também cenas da realidade brasileira que anunciam fins de mundo.

Vamos colecionar estas cenas no drive. Drive... composteira.

Figura 2: Composições pós-provocações - composteiras no Drive.



Fonte: Registro dos autores.

Uma afirmação fecha a provocação da escrita: O cinema como potência de fazer mundos¹⁵. Contar histórias. E as histórias aparecem ... um gesto menor é capturado do filme *A indomável sonhadora*. Uma árvore que pensa, que fala, que tem batimentos cardíacos, sentimento, que chama a atenção do humano que não a vê. A escrita liberta o humano que escreve e busca conexões: entre vidas, entre chãos, folhas, galhos, flores. Terra que vira *húmus*, uma conversa é tecida.

Existe uma responsabilidade multiespécies em jogo nos filmes?

Compostagem tem a ver com compor com.

O que os filmes mobilizam em termos de uma vida multiespécies?

Pensar nos gestos e pelos gestos. Como os gestos dos personagens dos filmes nos ajudam a pensar em um currículo multiespécies?

As respostas que transbordam em escritas levam a pensar em um *Profe-húmus*, em como é capaz de se desfazer para se compor... é preciso se desmanchar na terra para, em conexões, crescer e fazer florescer, frutificar. Desmanchando, eu me crio *Profe-húmus*.

¹⁵ Segue o exercício de escrita: Para compostarmos-com...: Procurem lembrar de um gesto mais que humano nos dois filmes. Pelas suas lembranças dos filmes assistidos traga uma cena, escreva com ela. Tente capturar um gesto menor que esta cena traz... pensem em escrever com as coisas que se guarda na composteira-bolsa-caixa-drive... Com as coisas que estão decompondo na composteira. Criar histórias, fabular, especular... pensar em como podem se transformar em uma aula de Biologia.

Figura 3: Produções de composteiras em ensaio fotográfico com a terra.



Fonte: Registro dos autores.

Os filmes nos ajudam a pensar em uma educação que olhe para os desafios do Antropoceno?

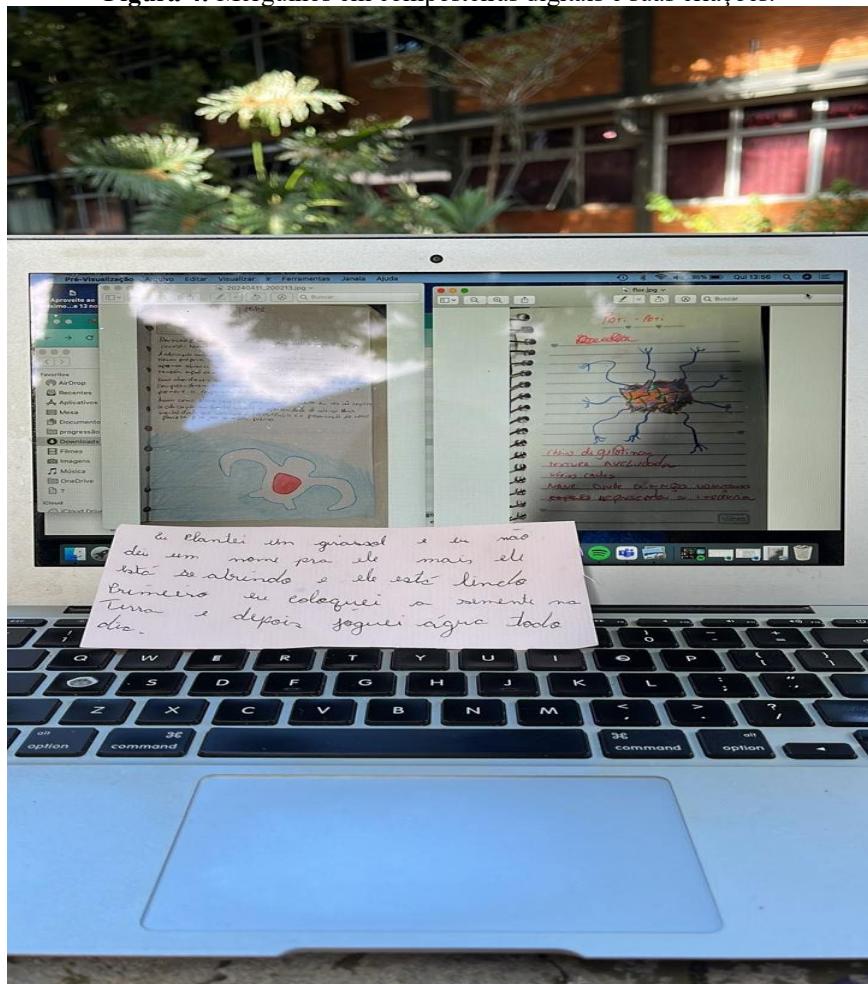
Para responder aos futuros incertos?

Uma escola que floresce nos fins de mundo é possível?

As oficinas de escrita permitiram fabular, especular. Fabulação científica aprendemos com Donna Haraway e Vinciane Despret. Frases soltas destas autoras ficavam nas mesas do Laboratório à procura de mãos que as carregassem, não apenas como quem carrega algo por carregar, mas por ligação estreita, conectadas ao viver e ao morrer. Ao vivo, humano e não humano. Fizeram crescer possibilidades, imaginar e criar. Liberdade de pensar. Possibilidades

de fugas de uma escola que limita. Estávamos à procura de “uma escola também feita de antídoto frente a tantas formas de extinção da vida em pleno curso [...] uma escola que se move para fora dela. Deixar é aqui, um sopro de liberdade” (Fonseca, Castro, Firmeza, 2022, p. 28-30).

Figura 4: Mergulhos em composteiras digitais e suas criações.

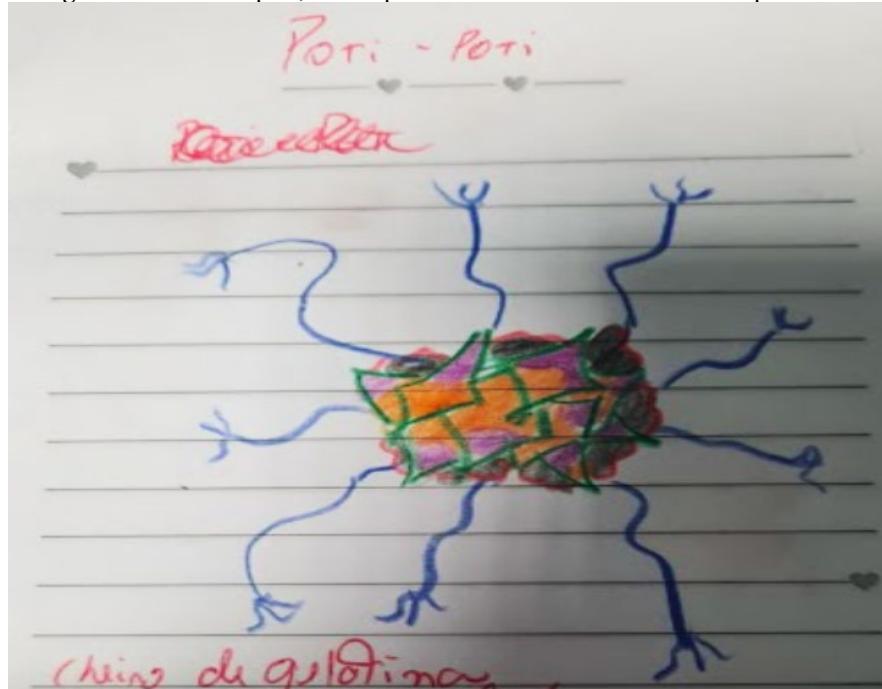


Fonte: Registro dos autores.

Em uma das nossas aulas discutimos um texto sobre as ervas daninhas e no texto é relatado que pediram para os alunos desenharem uma flor nunca imaginada, como isso é difícil nos dias de hoje onde tudo é muito pragmático. Criei essa flor com vários caules, sépalas e pétalas diferentes e cores vibrantes, parecendo uma gelatina. Igual aos seus atributos.

Donna Haraway (2023) nos inspira com as “crias do composto”¹⁶, uma ficção científica que nasceu de uma oficina que provocou pensar em mundos por vir, em fins de mundos passados-futuros com várias gerações de bebês que na história de Haraway estão em simbiose com a borboleta do gênero monarca. São estas histórias que nos alimentam a viver em um mundo em ruínas, uma vez que ao criar outros mundos, este passa a ser estendido com possibilidades ainda não pensadas. Criar mundos, mundificar é preciso no cenário das mudanças do clima, do viver no imprevisível. Foi assim que pensamos que as composteiras criadas pelos estudantes poderiam se alimentar de materiais-*húmus* que entram, bolem, sacodem, se transformam, fazem fazer criar. Criação seria o verbo maior de uma composteira, criar *húmus*, produzir *Profe-húmus*.

Figura 5: Flor Pori-pori, criada por um estudante em uma das composteiras.



Fonte: Registro dos autores.

A flor Pori Pori tem cheiro de gelatina, textura aveludada, vários caules, nascem onde crianças vomitam, representa a inocência.

¹⁶ Na oficina de escrita realizada em Cerisy em um Colóquio sobre Gestos Especulativos, as estórias de Camille - As “crias do composto” foram criadas. “Fruto da gestação de práticas de escrita SF [Ficção Científica], Camille guarda na carne memórias de mundos que ainda podem voltar a ser habitáveis. Camille é parte das crias do composto que amadurecem na terra para dizer *não* ao pós-humano de cada dia” (Haraway, 2023,p.243).

Considerações finais

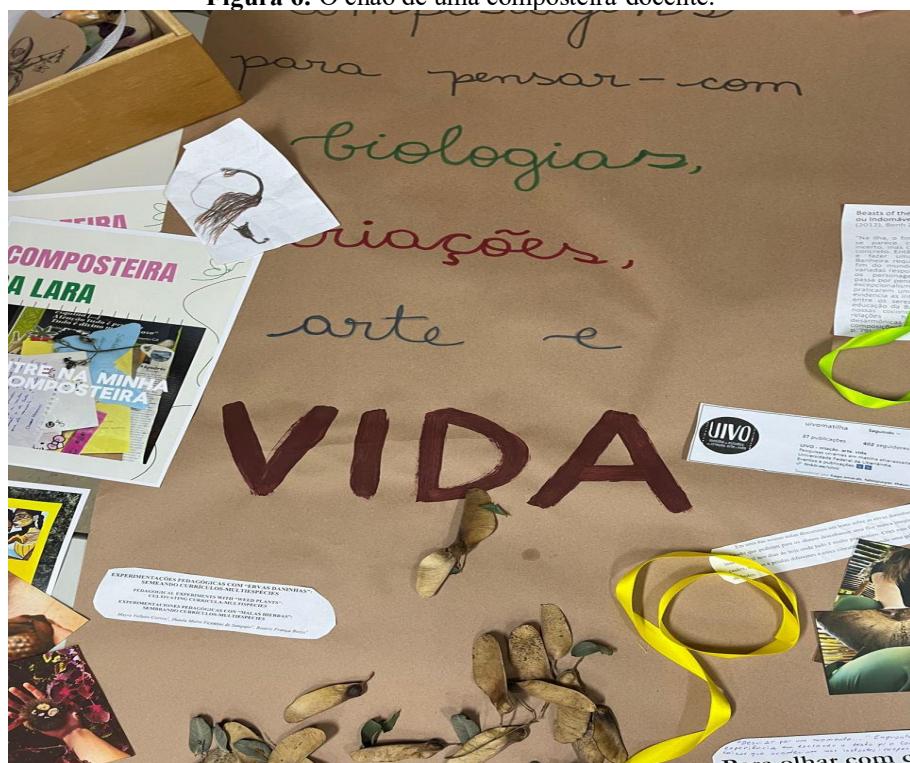
Acreditamos que foi possível experimentar *profe-húmus* ou pelo menos ele foi acionado pelos materiais e criações que compostaram em cada um, em cada composteira, em cada fazer criando um pensamento, que como o *húmus* em uma composteira, proliferou. E ao compartilhar *húmus* foi possível se recriar pelas histórias fabuladas. Haraway (2023) nos ajudou a sair da centralidade do humano. Não importa se humano ou mais que humanos, todos estão em aprendizagens para viver num mundo em infindáveis conexões, mostrando que é possível viver em simbiose.

As crias do Composto passaram a ver sua própria linguagem compartilhada como húmus, ao invés de se considerar como humanos ou não humanos. O cerne da educação de cada nova criança consiste em aprender a viver em simbiose, de modo a cuidar de seu simbionte animal e de todos os outros seres de que ela necessita, a fim de possibilitar sua continuidade durante pelo menos cinco gerações humanas. Cuidar do simbionte animal significa ser cuidado de volta, na invenção de práticas de cuidado de *eus* simbióticos que se ramificam. Ao herdar e inventar práticas de recuperação, sobrevivência e florescimento, os simbiontes humanos e animais mantêm a continuidade da transmissão da vida mortal (Haraway, 2023, p. 252-253).

O chão de uma composteira-docente nos lembra da aproximação com a terra. Uma terra que é fruto dessa indiscernibilidade, uma vez que a terra não existiria sem um processo de composição, sem uma constante compostagem, metamorfose. Com isso também nos colocamos a pensar se toda educação-formação também não é fruto de uma compostagem que não se faz sozinha, mas que é produto dessas múltiplas interações que nos compõem, em múltiplos tempos, interligando variados planos de existência.

Compostar convoca a transformação da matéria com a ajuda de seres como fungos, bactérias, plantas, besouros, vermes. Um ambiente educativo-multiplespécies pode também contar com esses seres para se transformar? Para criar um ambiente fértil para o proliferar de novas formas de ensinar e aprender? Nossa aposta no compostar é a esperança nas interações simbióticas entre biologias, criações, arte e vida, que resultam em um *húmus* que respinga em nossas existências, em nossos modos de vida, nos conduzindo a outras possibilidades de ensinar, aprender e viver a educação.

Figura 6: O chão de uma composteira-docente.



Fonte: Registro dos autores.

Composteira-convite à desconstrução dos modelos educativos postos que muitas vezes reforçam divisões e fronteiras entre os humanos e os mais que humanos. Convite a experimentar processos fluidos e interligados, no qual os elementos diversos se encontram e se transformam para gerar algo novo, algo outro. Uma abordagem para incorporar outras formas de conhecimento para (re)fazer a educação em algo coletivo e conjunto.

Referências

AMORIM, Antônio Carlos Rodrigues; FONSECA, Fabíola Simões Rodrigues. Um currículo que guarde um pouco da terra nas mãos. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, n.16, p. 1189–1208. DOI: <https://doi.org/10.46667/renbio.v16inesp.1.1063>, 2023. Acesso em: 15 jan. 2025.

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Trad. M. Deschamps e V. Mouawad. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

CORREA, Mayra Velloso; SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini; BORJA, Beatriz França. Experimentações pedagógicas com “ervas daninhas”: semeando currículos-muitiespécies. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, n. 16, p. 1147–1166. DOI: <https://doi.org/10.46667/renbio.v16inesp.1.107>, 2023. Acesso em: 15 jan. 2025.

DOOREN, Thom van; KIRKSEY, Eben; MÜNSTER, Ursula. Estudos muitiespécies: cultivando artes de atentividade. **ClimaCom**, Campinas, ano. 3, n. 7, p. 39-66, 2016. Disponível em:

<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2014/12/07-Incertezas-nov-2016.pdf>.
Acesso em: 10 jan. 2025.

FONSECA, Cacá; CASTRO, Laura; FIRMEZA, Yuri. Abrindo picadas em um vocabulário para catástrofes. In: FIRMEZA, Y. et. al. (org.). **Composto escola**: comunidades de sabenças vivas. São Paulo: N-1 edições, 2022, p. 07-33.

FRANKLIN, Sarah. Staying with the manifesto: an interview with Donna Haraway. **Theory, Culture e Society**, n. 0, p. 1-15, 2017.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthluceno. São Paulo: N-1 edições, 2023.

INGOLD, Tim. Texturas de superfície: o solo e a página. In: DIAS, S. O.; WIEDEMANN, S.; AMORIM, A. C. R. (org.). **Conexões**: Deleuze e cosmopolíticas e ecologias radicais e nova terra e... São Paulo: ALB/ClimaCom, 2019a.

INGOLD, Tim. **O mundo e outros escritos**. São Paulo: Coletivo Dulcinéia, 2019b.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PEREIRA, Thais Fernandes. Estudos Multiespécies: uma breve análise da teoria e de suas aplicações. **Ensaios**, v. 13, p. 106-126, 2018.

TSING, Anna Lowenhaupt. **O cogumelo no fim do mundo**: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. Trad. J. Menna Barreto e Y. Rafael. São Paulo: N-1 edições, 2022.

Sobre o autor e as autoras

Marcos Allan da Silva Linhares: Mestre em Educação em Ciências e Matemáticas (PPGECM/UFPA). Doutorando em Educação (PPGED/UFU). Bolsista CAPES. Membro do UIVO: matilha de estudos em criação, arte e vida.

E-mail: marcosallan.18@gmail.com

Keyme Gomes Lourenço: Mestre e Doutorando em Educação (PPGED/UFU). Bolsista CAPES. Membro do UIVO: matilha de estudos em criação, arte e vida.

E-mail: keymelourenco@gmail.com

Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho: Doutora em Educação (UNICAMP). Professora Titular da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) do Instituto de Biologia (INBIO/UFU). Líder do UIVO: matilha de estudos em criação, arte e vida.

E-mail: lestevinho@gmail.com

Recebido em: 31 jan. 2025

Aprovado em: 15 jul. 2025